Congregação Geral n. 4

**Testemunho – 9 de outubro**

**Sinodalidade e Cultura**

**Por Siu Wai Vanessa CHENG**

Sinodalidade e culturas asiáticas

Em geral, quando "a sinodalidade desencadeia um processo numa localidade, ela assumirá diferentes formas com características comuns, mas também com características diferentes". Não é de surpreender que, no documento final da Assembleia Continental Asiática, a Igreja na Ásia tenha escolhido a imagem de "descalçar os sapatos" para descrever a VIAGEM SINODAL ASIÁTICA. É um belo sinal de respeito e também uma expressão da profunda consciência que os asiáticos têm do sagrado.

A Ásia é marcada pela diversidade de culturas e religiões, com mais de 2.300 línguas faladas em todo o continente e, não menos importante, é o berço das principais religiões mundiais, como o hinduísmo, o islamismo, o cristianismo, o budismo... etc. Nós, cristãos, de todas as tradições e denominações, representamos apenas 6,53% do total da população asiática e somos realmente um "pequeno rebanho", ao qual, no entanto, o Pai se compraz em dar o seu Reino.

Para além dos crentes de diferentes religiões, há cerca de 14-20% de toda a população que não tem fé e que está à espera da Boa Nova. A Ásia tem também uma grande extensão de pobreza no seu território. Por esta razão, os quatro diálogos, nomeadamente com as culturas, as religiões, os pobres e a natureza, foram sempre as principais formas de a Igreja asiática se aproximar e de se unir aos seus povos.

Como é que a "sinodalidade" se pode articular neste contexto vasto e diversificado e iniciar o seu caminho?

O processo sinodal começa com uma verdadeira escuta, mas não há escuta se não houver uma consciência cultural, religiosa, social, económica e política da localidade. Para os asiáticos, o princípio subjacente mais importante que favorece a "escuta" é o RESPEITO, pelo que é necessária uma atitude respeitosa enquanto escutamos e dialogamos, discernimos e decidimos. Dito isto, devemos também estar conscientes de que muitas culturas asiáticas não favorecem a franqueza por uma série de razões, tais como o medo de cometer erros e perder a "face", de não ser aceite pelo seu círculo social, de ser identificado como problemático, desrespeitoso e desafiador perante todo o tipo de autoridade, etc. Consequentemente, muitos fiéis podem ter tendência para permanecer em silêncio em vez de exprimirem as suas opiniões e preocupações. Por isso, precisamos de prestar ainda mais atenção àqueles que, por alguma razão, se calam. É muito importante que as experiências de alegria e de feridas e as questões levantadas no Relatório sejam levadas a sério.

Depois de ter assistido a dois processos sinodais, o da diocese de Hong Kong e o do Movimento dos Focolares em todo o mundo, pude testemunhar que a "sinodalidade" traz esperança às pessoas dispostas a "caminhar juntas". Por exemplo, a sociedade de Hong Kong foi dilacerada depois de dois anos de agitação social, o processo sinodal ajudou a Igreja a recomeçar. O "caminhar juntos" produz o fruto da cura. Outras comunidades na Ásia tornam-se muito mais unidas à Igreja, encontram novas forças para enfrentar os desafios e ganham uma nova abertura para abraçar outros fiéis e não crentes.